

RUI FACÓ

Milton Pinheiro

Eu estou em paz com a minha guerra.

Camões

O processo contemporâneo de aprofundamento sobre a realidade brasileira nos remete a estudos sobre intelectuais e militantes que, em suas ações, pensaram o Brasil. Compreendo que Rui Facó é uma síntese bem construída desse tipo de intelectual que interpreta o momento histórico do povo brasileiro com base nas premissas que envolvem as transformações sociais. Mesmo sabendo que

estas características delineiam o caminho específico do Brasil como nação: suas classes dominantes procuram evitar por todos os meios o aguçamento das contradições e das lutas, impedir que destas participe o povo, que ganhem preponderância as forças radicais.¹

Por que então estudar Rui Facó, já que, apesar do seu cabedal explicativo sobre o Brasil, analisar a realidade com a perspectiva no cenário da sua transformação não encontra ressonância no ambiente acadêmico brasileiro? E uma vez que a historiografia e a sociologia, comprometidas com cânones oficiais e olhares superficiais, até mesmo vulgares, e pautadas pela influência pós-moderna, que decretou o fim do rigor historiográfico e o aprofundamento da análise sociológica, consideram esse temário de pesquisa não relevante. Para além das falsas premissas, encontramos em Rui Facó uma compreensão/interpretação da realidade construída por homens e mulheres nos seus processos de luta e na procura deles por uma nova sociabilidade na história de seu tempo. Ele transformou-se em um desses intérpretes do Brasil, “desaparecido” pela lógica oficial da irracionalidade acadêmica².

¹ Rui Facó, *Brasil século XX* (Rio de Janeiro, Editorial Vitória, 1960), p. 32.

² Lenilde de Servolo Medeiros considera que, “[...] do ponto de vista teórico, a interpretação de Facó está superada [...]”, na apresentação a Rui Facó, *Cangaceiros e fanáticos: gênese e lutas* (Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2009), p. 17.

Assim, resgatar o pensamento de Rui Facó é trazer para os estudos contemporâneos, dos pontos de vista histórico, sociológico e metodológico, uma vertente analítica sobre o Brasil no século XX.

O estudioso da questão agrária se insere no campo de pesquisa que procura conhecer o país não apenas para fins diletantes e acadêmicos, mas essencialmente com a vertente analítica orientada para as possibilidades de transformação. Tentando aliar sua sólida formação intelectual a uma robusta pesquisa de campo para entender os problemas dos brasileiros, no sentido de apresentar, minimamente, uma perspectiva de saída para a realidade analisada em sua época. Distante, portanto, do diletantismo acadêmico e oficial.

Pois bem, Rui Facó é um dos primeiros intérpretes do Brasil, e podemos dizer que do século XX, com estudos que se concentram de 1930 até o início dos anos 1960. Utilizando-se da interpretação histórica, estudou o contexto da formação social e política para explicar as manifestações do povo no Brasil³.

Rui Facó nasceu em Beberibe, no Ceará, no dia 4 de outubro de 1913. Muito de sua formação contestadora e intelectual se desenvolveu no contexto social da região Nordeste do Brasil, que o levou a buscar explicações sobre a realidade do país como um todo. A partir disso, passou a considerar a força do povo como processo de autoconstituição. É desse arcabouço de pesquisa que ele vai analisar: o povo contra a opressão e contra a escravidão, o conjunto das lutas sociais, as manifestações e ações dos índios e dos escravos, o conflito em Canudos, as manifestações e os atos dos cangaceiros, os movimentos dos beatos, as ações e os movimentos republicanos, as lutas de libertação do imperialismo e o latifúndio. O princípio dialético do binômio dominação e resistência, base da formação do povo brasileiro, criou a possibilidade, a partir das suas próprias lutas, para uma perspectiva de construção de um processo de emancipação naquele momento social e político.

O debate sobre a formação do povo brasileiro permitiu a Rui Facó elaborar em suas teses um discurso que apreendia e combatia a questão do racismo e a sua presença na vida política, social e econômica do país. Para ele, a presença do racismo no Brasil era, em especial, a manifestação do racismo norte-americano que havia se apoderado de nossa sociabilidade. Aliás, essa questão encontrou nele um contumaz combatente, pois era uma das preocupações do pensador quando, já no primeiro momento, supera a interpretação de Euclides da Cunha sobre a relação do homem com a terra e o meio.

³ “As lutas camponesas a partir da estrutura do campo: Canudos, cangaceiros, ‘fanáticos’, Contestado, Caldeirão, capangas, jagunços e práticas que se assemelhavam aos resquícios típicos do feudalismo. Perspectiva esta vista e analisada a partir de uma abordagem marxista, que entende feudalismo como ‘uma forma de sociedade na qual a agricultura é a base da economia e o poder político constitui o monopólio de uma classe de proprietários de terras’”, Cristopher Hill, *A revolução inglesa de 1640* (Lisboa, Editorial Presença, s.d.), p. 8.

Rui Facó analisava as particularidades da realidade histórica do Brasil pautado em duas questões: naquilo que ele qualifica como estrutura com características “semifeudais” no campo e no monopólio da terra.

Ele identifica como pontos centrais da realidade brasileira que precisavam ser afrontados: o latifúndio, o monopólio da terra, a ação do colonialismo e as tradições seculares que eram emanadas pela permanência da terra nas mãos de poucos. Essa dominação tinha um peso cultural sobre a realidade nacional, em especial pelo papel que as classes dominantes davam aos segregados dessas situações.

Para a nossa história têm sido encarados como fenômenos extra-históricos. “Banditismo”, “fanatismo” são expressões que os resumem, eliminando-os dos acontecimentos que fazem parte de nossa evolução nacional, de nossa integração como nação, de nosso lento e deformado desenvolvimento econômico.⁴

O papel das massas no desenvolvimento da nação é compreendido por ele como um aspecto importante para entendermos tanto o Brasil como o episódio da independência. O conjunto das lutas históricas e da marcha da humanidade para o encontro com o progresso entre o povo brasileiro tem, nas preocupações analíticas do pensador cearense, uma representação objetiva sobre o contexto da realidade do Brasil. É nesse sentido que podemos compreender Rui Facó como um historiador do desenvolvimento do país, do desenvolvimento desigual do Nordeste, do papel dos movimentos sociais, levando em conta a questão nacional, sindical, estudantil, camponesa e o papel da Igreja, da imprensa e da “burguesia nacional”. Para ele, assim como para o Partido Comunista Brasileiro (PCB), a articulação dessa burguesia de caráter nacional-democrática, para construir uma mudança, era algo questionável, mas muito comum nas interpretações da época em que ele viveu, em especial dentro da intelectualidade de esquerda.

Nos seus estudos e pesquisas para escrever *Brasil século XX*⁵, um importante e pouco conhecido trabalho sobre o país, publicado pelo Editorial Vitória, a partir do livro que foi lançado na Argentina, Rui Facó vai trazer também uma discussão sobre o surgimento da indústria e um debate sobre o papel da “burguesia nacional” no desenvolvimento da indústria e na movimentação política. Para ele, havia um antagonismo entre a burguesia nacional e o imperialismo e o latifúndio. Mais uma vez, é possível comprovarmos o diálogo do autor com as formulações do PCB em sua interpretação do Brasil. No trabalho “A guerra camponesa de Canudos”⁶, de fins de 1958, encontramos os argumentos que iriam se tornar a estrutura-base da abordagem que construiu o seu livro clássico *Can-*

⁴ Rui Facó, *Cangaceiros e fanáticos*, cit., p. 25.

⁵ Idem, *Brasil século XX*, cit.

⁶ Publicado no jornal *Novos Rumos*, 1958.

*gaceiros e fanáticos: gênese e lutas*⁷, publicado após a sua morte, em 1963. Essa obra, que trouxe notoriedade a Rui Facó, tem um valor histórico extraordinário e traz uma nova leitura das contradições nordestinas, pautada nas questões da terra e do poder político em curso no Brasil daquela época. Tudo isso analisado com o rigor da dialética marxista.

O debate sobre a história de Canudos e Antônio Conselheiro, Juazeiro e Padre Cícero, jagunços e cangaceiros, além de uma análise que leva em consideração a totalidade dos fenômenos, passa a entender o conflito como uma guerra de extermínio, realizada pelas classes dominantes contra os brasileiros⁸. Rui Facó argumenta que as ações das classes dominantes sobre os levantes por ele estudados tinham como eixo central o extermínio de amplos segmentos de camponeses.

O livro apresenta, a partir de uma grande pesquisa de campo, com farta documentação utilizando fontes primárias, uma análise sobre os trabalhadores sem-terra, explorados e perseguidos em todo o Brasil, em particular no Nordeste.

Numa pesquisa aprofundada a respeito do que era e o que fez o cangaço, Rui Facó nos permite avaliar esse fenômeno como um passo à frente na organização do campo. Ao lado dessa análise, ele encontra no papel político das classes dominantes sempre uma reação no sentido de impedir o ajuntamento de comunidades, entendido aí como ajuntamento de pessoas pobres em várias áreas do Nordeste. Na lógica do poder político em vigor, essa situação era um perigo à continuidade da dominação de classe que perenizava o latifúndio. E, ao mesmo tempo, uma preocupação da burguesia do campo, atrasada e reacionária, com o princípio de solidariedade que se estabelecia entre homens e mulheres das diversas comunidades aqui citadas, onde ocorreram lutas pela terra.

Outro debate apresentado no universo da leitura oficial e questionado por Rui Facó era o papel do misticismo como elemento dotado de passividade no processo de resistência. Para ele, podem ser encontradas características de uma resistência passiva inclusive a partir do papel desempenhado por figuras como Antônio Conselheiro, beato Lourenço e Padre Cícero. No entanto, essa passividade como forma de luta não era real e concreta no conjunto das manifestações de resistências que foram encontradas no campo do início do século XX até o começo dos anos 1960.

Não obstante, podemos encontrar na construção analítica e interpretativa de Rui Facó uma compreensão sobre o desenvolvimento econômico do país, sobre a situação das forças produtivas, das possibilidades de alianças políticas para superar esse atraso e uma forte influência dos documentos elaborados pelo PCB (que sofria uma duradoura influência dos postulados canônicos da III Internacional, naquele

⁷ Idem, *Cangaceiros e fanáticos*, cit.

⁸ Ibidem, p. 119.

momento ossificados pelo nacionalismo russo da corte stalinista⁹). Podemos afirmar, ainda, que existia em Rui Facó a construção de uma interpretação que era avessa ao dogmatismo e de uma análise muito particular sobre o campo, que se tornou clássica dentro do cenário da realidade brasileira. Essa formulação nos deixa compreender as possibilidades de os trabalhadores marcharem para uma ruptura com o passado opressor, tendo como eixo da análise a célebre frase de Karl Marx: “À humanidade só se colocam as tarefas que ela pode realizar”.

Ao se contrapor às formulações racistas de Euclides da Cunha, Rui Facó constrói uma crítica original a respeito do papel do campo na formação social brasileira. A partir de sua compreensão do grau de desenvolvimento das forças produtivas, da leitura sobre as classes sociais e suas frações e das lutas sociais como princípio pedagógico para a emancipação humana, percebem-se a qualidade metodológica, o rigor na pesquisa e o compromisso social e político do pesquisador. Consta-se, então, o refinamento conceitual para entender o seu tempo.

Examinando Rui Facó, encontramos curiosidades do homem preocupado com o sentido da brasilidade. Essa questão em particular tem consonância com a leitura que ele fez do poeta dos escravos, Castro Alves¹⁰, quando realça o papel desses homens e mulheres segregados pela opressão das classes dominantes e as estratégias de resistência criadas por eles.

Para além das questões que realçaram a totalidade de pesquisa no projeto do intelectual que pensou uma explicação para o Brasil, o sentido de entender o país é consorciado às perspectivas que passam pela libertação da opressão estrangeira na análise da reforma agrária como instrumento radical de posse da terra e da relação das lutas de classe entre o povo. Existe sempre em Rui Facó uma preocupação com o conjunto das ações de luta. A dinâmica das lutas dos movimentos populares e o papel da repressão como polo antagônico. Portanto, seus estudos sempre foram aprimorados pela análise dos movimentos sociais, denunciando constantemente a conduta da repressão como instrumento da classe dominante para conter as lutas do povo.

Seus estudos sobre as contradições sociais, o papel desenvolvido pelas classes em disputa, a intervenção das frações de classe no processo político são rigorosamente submetidos ao crivo do aprofundamento da Revolução de 1930. “O principal golpe contra o poder político dos grandes latifundiários, sobretudo nordestinos, em cujos domínios mais solidamente subsistiam os restos feudais, foi desferido pelo movimento revolucionário de 1930.”¹¹

⁹ Podemos encontrar essas formulações nas decisões do VI Congresso da III Internacional Comunista (Comintern), em 1928.

¹⁰ Observado no pronunciamento de Moisés Vinhas, realizado em junho de 1963, na reunião da União Brasileira de Escritores, seção de São Paulo.

¹¹ *Ibidem*, p. 209.

Além do mais, percebe-se o uso desse cabedal analítico a partir da intervenção do PCB nas lutas da nação. São perceptíveis a compreensão de Rui Facó sobre a importância do partido como operador político e o papel da sua orientação no caminho para as transformações, principalmente em duas perspectivas: a luta democrática e os levantes armados. Sempre na formulação de uma análise que passa pela necessidade de participação das massas nesses processos de transformação social.

Rui Facó desenvolveu um intenso trabalho intelectual, um profundo estudo cultural, e demonstrou um compromisso com a história, sempre ao lado do operador político que escolheu para combater desde os seus primeiros momentos como contestador da ordem. A sua interpretação da realidade brasileira visava contribuir com uma explicação do Brasil, que estava em disputa por meio de contendas políticas, e ele sabia qual era o seu lado.

As lutas e a formação do intelectual orgânico

Rui Facó ficou na sua cidade natal até terminar o ensino básico, quando foi premido pela necessidade de trabalhar, por tratar-se de um jovem de família pobre. Mudou-se para Fortaleza, onde procurou emprego na função em que já demonstrava alguma habilidade, o jornalismo. Para alguns estudiosos de sua obra, o cenário da realidade cearense deixou marcas indeléveis nos textos¹² perenes do rapaz de Beberibe, que cedo despertou para enfrentar as mazelas daquela sociedade.

No início dos anos 1930, já em Fortaleza, começou o curso de direito e passou a frequentar o ambiente cultural e político que contestava a ordem social em vigor. Foi nesse momento que ele conheceu intelectuais como Rachel de Queiroz e entrou para o PCB¹³.

Em 1935, o país passou por profundas agitações políticas, como a criação da Aliança Nacional Libertadora (ANL)¹⁴, que contestava o governo Getúlio Vargas, e os levantes armados de novembro desse mesmo ano¹⁵. Rui Facó participou das manifestações de massas que abalaram 1935, em especial o conjunto de ações e lutas, organizadas pela ANL e pelo PCB¹⁶.

¹² Moisés Vinhas, em um texto em que realça a vida e a obra de Rui Facó, afirma que ele era um homem marcado pelo cenário de miséria que o cercou. Isso é analisado no artigo “Aspectos da vida e da obra de Rui Facó”, *Estudos Sociais*, Rio de Janeiro, 1963, n. 18, p. 137.

¹³ Não existem dados precisos sobre o período em que Rui Facó entrou para o Partido Comunista. Podemos considerar, por indução das lutas, que isso tenha ocorrido entre 1934 e 1935.

¹⁴ Instrumento criado por comunistas e demais opositores ao governo Vargas.

¹⁵ Sobre os comunistas e os levantes armados de 1935, ver o livro de Marly Vianna, *Revolucionários de 1935: sonho e realidade* (São Paulo, Expressão Popular, 2007).

¹⁶ Reuniões profissionais, debates públicos, comícios, agitações de rua, grandes reuniões públicas que envolviam milhares de pessoas.

Logo se transferiu para Salvador, onde se formou em direito e teve uma grande atuação jornalística. Trabalhou em *Diários Associados* e participou da fundação da revista *Seiva*¹⁷, em 1938, que foi a primeira revista nacional do PCB e tinha entre os seus membros João Falcão¹⁸, Armênio Guedes e Jacob Gorender.

Ainda na Bahia, durante a segunda metade dos anos 1930, Rui Facó foi encarcerado pela polícia getulista, que o fez sofrer vários maus-tratos. Mas foi lá, desse mirante político e intelectual, que ele aprofundou seus estudos sobre a formação social brasileira, desenvolveu intensa atividade política, lutou contra o nazifascismo e escreveu na revista *Flama* (que ele ajudou a fundar). Nesse período, casou-se com a jovem estudante de direito Júlia Guedes, sua companheira por toda a vida, com quem teve um filho.

Quando a Segunda Guerra Mundial acabou, trazendo os ventos da liberdade e da democracia, Rui Facó se mudou, com sua família, para o Rio de Janeiro, onde começou a trabalhar na redação do jornal *A Classe Operária*¹⁹. A partir desse momento, quando ele passou a colaborar com diversos jornais e revistas de todo o país, pode-se perceber, pelos seus textos na imprensa, que já estava construindo o alicerce das suas formulações sobre a formação social brasileira, assim como mantinha uma estreita relação com o operador político dos comunistas, que havia se tornado legal e tinha disputado a eleição para presidente da república.

[...] Registrado pelo Tribunal Eleitoral e podendo pela primeira vez participar diretamente de eleições, apresentar seus próprios candidatos, o Partido Comunista obteve uma votação excepcional para a época: mais de 500 mil votos, isto é, mais de 8% dos votantes [...]. As classes dominantes ficaram alarmadas com esta colocação do Partido Comunista, no quarto lugar entre 12 partidos em 1945 [...].²⁰

Naquele período de interlúdio democrático, a conjuntura era de ascenso das massas. A imprensa comunista estava em crescimento em virtude da legalidade conquistada pelo PCB e da grande presença desse operador político no cenário das lutas sociais.

¹⁷ A revista *Seiva* foi um instrumento de debate político e cultural que conseguiu ter como colaboradores intelectuais e políticos para além do campo da esquerda e dos comunistas. Foi fundada em 1938 e fechada pelo governo Vargas em 1943, após a publicação de uma entrevista do general Manoel Rabelo, que era contrário à ala direita do exército, comandada pelo general Eurico Gaspar Dutra, então ministro da Guerra de Getúlio Vargas.

¹⁸ João Falcão foi um importante dirigente comunista na Bahia, fundador e organizador da revista *Seiva*. Durante anos, foi um militante próximo da estrutura diretiva nacional do PCB. Morreu em 2011, deixando vários livros sobre o partido e personalidades comunistas, a exemplo de Giocondo Dias.

¹⁹ Órgão central, com idas e vindas, do PCB de 1925 a 1956, quando foi substituído pelo jornal *Novos Rumos*.

²⁰ Rui Facó, *Brasil século XX*, cit., p. 146.

Ao sair das catacumbas, depois de uma enorme ilegalidade²¹, o PCB se transformou no primeiro e grande partido de massa. Era visível a presença dos comunistas no Parlamento – nos meios cultural e intelectual –, organizado entre os trabalhadores do campo e da cidade. Todavia, as suas formulações, pautadas pelo fogo da conjuntura, contavam com dubiedades²² que poderiam desarmar o partido para as próximas batalhas: particularmente, na análise sobre a burguesia no Brasil e na compreensão sobre quem seriam os aliados estratégicos para construir o bloco que fomentaria a ruptura.

A conjuntura brasileira sempre foi tensionada pela ação do bonapartismo²³ como instrumento de coesão da classe dominante, utilizado como recurso político para evitar qualquer risco à manutenção do poder em suas mãos. E a classe dominante agiu. Mesmo o PCB sendo um grande partido de massas (contava com 200 mil filiados), com mais de uma centena de vereadores e deputados estaduais, catorze deputados federais e um senador (o “legendário cavaleiro da esperança”, Luiz Carlos Prestes), de grande influência cultural, artística e intelectual, o partido foi posto na ilegalidade²⁴ pelo general Dutra, o Le Petit de plantão. Os parlamentares comunistas foram cassados²⁵, e começou uma feroz perseguição aos partidários, com prisões, torturas e assassinatos²⁶.

O PCB voltou para a mais cerrada clandestinidade e elaborou uma nova linha política, agora marcada por uma diferente dubiedade contida no documento de n. 1949²⁷ e no Manifesto de Agosto de 1950: era a radicalização completa a partir da criação da Frente Democrática de Libertação Nacional (FDLN)²⁸, tendo em vista o horizonte da luta armada e a criação de organismos paralelos nos movimentos sindical e social. Essa nova linha política não encontrava bases reais e concretas para se efetivar. Novamente,

²¹ O PCB, fundado em 1922, vinha de mais de vinte anos de vida clandestina.

²² Formulações da linha política que ficou conhecida como “União Nacional”.

²³ Entendido aqui como uma articulação política feita pelo “alto” por frações da classe dominante para manter o poder.

²⁴ Pressionado pelo governo Dutra, o TSE cassa o registro do PCB no dia 7 de maio de 1947.

²⁵ No dia 7 de janeiro de 1948, a Câmara dos Deputados votou o projeto de lei que considerava extintos os mandatos dos parlamentares comunistas, em todas as esferas legislativas.

²⁶ Um comício que ocorreu no dia 28 de fevereiro de 1948, na Praça da Sé, em Salvador, realizado pelos militantes do PCB para protestar contra a ilegalidade e a cassação dos mandatos, foi dissolvido a tiros, sendo vários militantes baleados, outros feridos por agressões e um assassinado pelos tiros da polícia, tratava-se de jovem militante bancário, Luiz Garcia. Podemos encontrar a repetição desse fato em várias partes do Brasil, eram as trevas da repressão se abatendo sobre o PCB.

²⁷ Documento elaborado por Prestes, com o título “Forjar a mais ampla frente nacional em defesa da paz, da liberdade e contra o imperialismo”, publicado no n. 19 da revista *Problemas*, desse mesmo ano. Trata-se, em minha opinião, de um importante documento que constituiu as bases para o Manifesto de Agosto e orientou o partido até o IV Congresso.

²⁸ Organismo criado pelo PCB para unir os revolucionários e colocar em ação o programa do Manifesto de Agosto.

o fogo da conjuntura precipitava o PCB para formulações que não respondiam às demandas postas pela realidade. É nesse contexto que Rui Facó, em 1952, vai morar na União Soviética, quando cumpre uma intensa agenda de trabalho intelectual, pesquisando sobre as questões centrais da história do Brasil. Ao mesmo tempo, trabalha na Rádio Moscou, onde teve uma intensa “atividade literária e jornalística”²⁹.

Na estada de Rui Facó em Moscou, um tema chama a atenção e torna-se relevante para comprovar a tese apresentada neste texto, isto é, apesar da concordância com a linha política externada nos documentos do PCB (sobre a realidade brasileira) e do viés que esses textos apresentavam como repercussão de diretrizes da III Internacional, Rui Facó, um intelectual que aguçava as suas pesquisas com o material da realidade observada, percebeu a profunda distorção que o culto à personalidade de Stalin disseminava sobre as atividades cultural e intelectual, impedindo, assim, o livre desenvolvimento das potencialidades ensejadas pelo socialismo³⁰. Todavia, é importante registrar que ele conseguiu avançar muito em seus estudos com as oportunidades que encontrou na União Soviética do socialismo vigente.

De volta ao Brasil em 1958, Rui Facó iniciou uma nova fase como intelectual orgânico da classe e afirmou-se como intérprete do Brasil, escrevendo sobre o povo dentro da formação social e construindo uma rica análise acerca da nação e uma teoria sobre o povo.

Bases teóricas para uma explicação do Brasil

A partir de 1958, Rui Facó lançou as bases para as suas formulações mais sistemáticas, contidas nos livros *Brasil século XX* e *Cangaceiros e fanáticos: gênese e lutas*. A primeira questão levantada nesse processo de criação é o profundo conhecimento da realidade brasileira, manifestada nas análises sobre a formação social do Brasil, no exercício de compreensão dos principais momentos históricos, tendo como elemento central os acontecimentos sociais.

Rui Facó utiliza-se de um recurso metodológico empreendido pelos grandes historiadores marxistas, em particular Christopher Hill em seu livro *A revolução inglesa de 1640*. Rui Facó apreendeu a história de uma perspectiva³¹ ou, para ser mais explícito, do ponto de vista de classe, para examinar o ascenso das massas, a repressão que se abateu sobre ela e o seu consequente papel.

Temos em Rui Facó a recepção dos problemas da história com o rigor da análise sociológica, e isso fica claro nos seus estudos sobre as relações da Igreja com o Estado e sobre a Revolução de 1930, na necessidade de entender o que representou para

²⁹ Moisés Vinhas, “Aspectos da vida e da obra de Rui Facó”, cit., p. 138.

³⁰ Idem.

³¹ Ver esse debate em Christopher Hill, *A revolução inglesa de 1640*, cit., p. 10.

o processo societal brasileiro esse movimento. Qualificou de forma objetiva, com vasta documentação, o papel da imprensa na vida política do país. Todavia, retorno ao tema que tem uma particularidade em seus estudos e o torna um historiador com grande capacidade de inovação. Trata-se da pesquisa sobre a interpretação do desenvolvimento brasileiro, relacionada ao processo dos acontecimentos sociais e políticos. Nesse prosseguimento, é construída por ele uma análise sobre o surgimento da indústria, em articulação com o papel da chamada “burguesia nacional”.

No seu papel de historiador do desenvolvimento, Rui Facó exercita uma preocupação de pesquisa sobre as particularidades da realidade histórica do Brasil, além de estudar as estruturas do campo. Localizava práticas e resquícios que, em tese, caracterizam o feudalismo, e investiga a questão do monopólio da terra.

O componente povo ganhou um relevo extraordinário na obra dele, tornando-se uma categoria explicativa do contexto empírico. Essa categoria é usada para explicar a construção da nação. No entanto, ele também aborda os sentidos pejorativos que são construídos pela sociologia e pela história oficiais. Pois existe em sua obra um combate ao racismo contido no biologismo de Euclides da Cunha e tantos outros, aos insultos sobre a mistura das “raças”, ao ajuntamento do povo pobre como promiscuidade que deveria ser exterminada.

Rui Facó defende, nesses estudos, uma posição sobre o povo brasileiro que passa sempre pela perspectiva de suas lutas e interesses, da força do povo ao se autoconstituir, da convicção no papel do povo no futuro do Brasil e de suas possibilidades no sentido da construção de uma sociedade sem classes e culturalmente emancipada. Tudo isso em consonância com as lutas históricas da humanidade em sua marcha, não linear, para o progresso.

Últimas batalhas

Rui Facó desenvolveu uma intensa e qualificada intervenção no debate jornalístico em curso de 1958 a 1963. Todavia, encontramos a sua forte presença, para além desse período, como militante da pena, em muitos periódicos e jornais – *Seiva*, *Flama*, *Continental*, *Problemas*, *Estudos Sociais*, *A Classe Operária*, *Tribuna Popular*, *Hoje*, *O Momento*, *O Democrata*, *Voz Operária*, *Novos Rumos* – e na agência de notícias Interpress. É bom registrar a grande influência do PCB nesses organismos, que se tornaram instrumentos de contra-hegemonia.

Como escritor comunista, Rui Facó nos brindou com alguns textos de imenso valor histórico, como o opúsculo *A classe operária: 20 anos de luta*³², publicada pelas Edições Horizonte, em 1945, que constrói a história do jornal central do PCB, da sua fundação até aquele ano, assim como a cartilha “Prestes: cavaleiro

³² Rui Facó, *A classe operária: 20 anos de luta* (Rio de Janeiro, Edições Horizonte, 1945).

da esperança³³, com ilustrações de Percy Deane, que teve grande divulgação, em virtude do prestígio político do líder comunista.

Encontramos, da lavra desse escritor, uma grande quantidade de artigos e trabalhos sobre acontecimentos relevantes da história política do Brasil, como a cobertura da eleição de Miguel Arraes, direto de Pernambuco em 1962³⁴, para o jornal *Novos Rumos*; o artigo sobre a fundação do Movimento Unificador dos Trabalhadores, “O MUT, instrumento de unidade da classe operária”³⁵, publicado no jornal *Tribuna Popular*, em 1945; o alentado ensaio sobre um personagem do movimento comunista internacional, “O bolchevique Zhdánov, um exemplo a seguir”³⁶, na revista *Problemas*, em 1948, que trata da morte desse importante dirigente do Estado soviético. Temos, ainda, não só um denso estudo sobre as lutas dos camponeses naquele período³⁷, mas também uma incursão pela crítica teatral, por ocasião da estreia da peça de Dias Gomes³⁸.

O intelectual orgânico e militante da pena Rui Facó dedicou os últimos cinco anos da sua vida ao exercício da contra-hegemonia ideológica, por meio da sua intensa produção jornalística na redação do jornal *Novos Rumos*. Foi como jornalista, encarregado por esse veículo, que ele fez a sua última viagem e lutou a sua derradeira batalha.

Homem de imensa modéstia, que não fazia jus à sua enorme capacidade intelectual, sempre dialeticamente envolvido na luta, pois pensava e agia na sociedade, estava o tempo todo a serviço da transformação social. Rui Facó morreu em 15 de março de 1963 em um desastre aéreo na Bolívia, numa viagem pela América Latina como correspondente do jornal *Novos Rumos*. Não obstante o prematuro desaparecimento, ele nos legou uma explicação sobre a realidade brasileira e sobre a história das lutas sociais desse breve século XX. Afinal, novos atores, trabalhadores do campo e da cidade, tiveram em Rui Facó o pesquisador participante, o cientista social que não foi leviano com a verdade.

Quando os tempos atuais encontrarem o seu caminho para uma nova sociabilidade, e a verdade sobre os acontecimentos sociais for escrita, lá teremos Rui Facó como historiador das lutas que construíram a nação no seu processo de emancipação.

³³ Idem, “Prestes: cavaleiro da esperança”, *Asmob/Cedem* 02.235,4.

³⁴ Idem, “Fragorosa derrota eleitoral dos usineiros pernambucanos”, *Novos Rumos*, Rio de Janeiro, 3 a 9 nov. 1962.

³⁵ Idem, “O MUT, instrumento de unidade da classe operária”, *Tribuna Popular*, Rio de Janeiro, 7 out. 1945.

³⁶ Idem, “O bolchevique Zhdánov, um exemplo a seguir”, *Problemas*, Rio de Janeiro, 1948, n. 13.

³⁷ Idem, “Movimento camponês 62: fortalecimento e consolidação”, *Novos Rumos*, Rio de Janeiro, 11 a 17 jan. 1963.

³⁸ Idem, “A nova peça de Dias Gomes”, *Novos Rumos*, Rio de Janeiro, 30 nov. a 6 jan. 1962.